



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. JOSÉ ALOÍSIO CAMPOS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - DCOS
CURSO DE JORNALISMO

TATIANE MACENA DOS SANTOS

PERIFÉRICOS: SITE EXPERIMENTAL PARA A COBERTURA DA PERIFERIA

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2024

TATIANE MACENA DOS SANTOS

PERIFÉRICOS: SITE EXPERIMENTAL PARA A COBERTURA DA PERIFERIA

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador (a): Prof.^a Dra. Liliane do Nascimento Santos Feitoza

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2024



ATA DA SESSÃO DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO

Título do Trabalho: PERIFÉRICOS: SITE EXPERIMENTAL PARA A COBERTURA DA PERIFERIA

Aluno (a): TATIANE MACENA DOS SANTOS

Data: 12/04/2024

Às 10h45 do dia 12 de abril de 2024, reuniu-se no auditório do DCOS, com a finalidade de proceder ao exame do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação da estudante TATIANE MACENA DOS SANTOS, a Banca Examinadora composta pela Prof^ª. Liliane do Nascimento Santos Feitoza (Orientadora), pela Prof^ª Dr^ª Michele da Silva Tavares (Primeira examinadora) e pela Prof. Dr^ª. Sonia Aguiar (Segunda examinadora), que participou via chamada on-line.

BANCA EXAMINADORA	NOTA	
Prof ^ª . Dr ^ª Liliane do Nascimento Santos Feitoza (Orientadora)	10,0	 Documento assinado digitalmente LILIANE DO NASCIMENTO SANTOS FEITOZA Data: 12/04/2024 18:10:26-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Prof ^ª Prof ^ª Dr ^ª Michele da Silva Tavares (Primeira examinadora)	10,0	 Documento assinado digitalmente MICHELE DA SILVA TAVARES Data: 14/04/2024 09:00:49-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Prof. Dr ^ª . Sonia Aguiar (Segunda examinadora)	10,0	 Documento assinado digitalmente SONIA AGUIAR LOPES Data: 15/04/2024 07:01:40-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
MÉDIA FINAL	10,0	

Com base na média expressa acima, a aluna supracitada foi considerada aprovada.

São Cristóvão, 12/04/2024.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo agradeço a Deus por me manter de pé até aqui. Sempre que pensava em desistir, Ele enviava anjos na forma das pessoas que citarei em seguida para me dar forças. A primeira pessoa a acreditar em mim foi uma professora, Acácia Pereira. Quando, aos doze anos de idade, em plena adolescência eu tentava a todo custo chamar atenção para a sensação de estar carregando todo peso do mundo nas minhas costas, ela me acolheu e me fez, por meio de seu jeito delicado, perceber que eu poderia “ser alguém”. A segunda pessoa que eu gostaria de agradecer é a minha irmã mais velha, que teve que assumir responsabilidades desde cedo. Através dela, compreendi o que é de fato se importar com o próximo e não fazer com os outros o que não gostaria que fizessem comigo. Taniela foi a primeira pessoa da minha família que me disse que eu conquistaria o que quisesse. Depois dela, a minha outra irmã, Tarlaine, foi quem me incentivou com a seguinte frase: “Nunca desista dos seus sonhos, o céu é o seu limite”. Os meus pais, dona Cirleide e Tonho Gato(quase ninguém sabe seus verdadeiros nomes) me apoiaram como puderam, do jeito deles, assim como as outras pessoas da minha família. Falando em família, gostaria também de agradecer ao meu “namorado” Wandson Bruno, por desde antes de a gente iniciar um relacionamento me incentivar a continuar. Sou grata a ele por todas as vezes em que a ansiedade me dominou e eu quis ceder, diante das dificuldades, ele me deu colo e amor, assim como os meus filhos de quatro patas Sloan, Kiara e Recruta. Eu amo vocês. Na academia, encontrei mulheres potentes e inspiradoras. Três delas estão na minha tão temida banca de TCC. Sonia Aguiar, a quem sempre reverenciei, e disse uma frase que levo para a vida: “Sou um tipo de passarinho que não canta na gaiola”. Naquela aula de jornalismo especializado eu percebi que queria voar. Já Michele Tavares, me ensinou que poderia enfrentar desafios. Já no finalzinho da graduação quis saber como era estar responsável pela editoria de site. Como não sabia nada de design, temi, mas aceitei desafio quando ela disse: “Agora é hora de aprender”. Hoje estou aqui apresentando um site como trabalho de conclusão de curso. Deixei o agradecimento a Liliane Feitoza por último, pois nutro uma admiração especial por ela. Se não fosse Liliane “colocando pilha”, o *Periféricos* não existiria. Pois, apesar de chegar a fase final da graduação com um pouco mais de bagagem, eu ainda não conseguia acreditar no meu potencial e por consequência na força de um projeto

como esse. Me identifiquei com a professora Liliane desde a disciplina Laboratório integrado I. Já havia tido aula com ela em estética e cultura da mídia, mas foi em Lab 1 que tive a sorte de ter uma reportagem orientada por ela. Em tcc 1, a sorte bateu mais uma vez na minha porta e tive a oportunidade de ter essa professora incrível orientando o projeto da minha vida com todo o seu conhecimento e sensibilidade. Para além deste projeto, Liliane Feitoza despertou em mim a vontade de estudar e entender um pouco mais sobre a comunicação periférica. Graças às professoras Sonia, Michele e principalmente Liliane (quem tenho como principal referência), compreendi o meu papel enquanto comunicadora e moradora de um bairro periférico. Obrigada por tanto, pessoal. Isso é apenas o começo!

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos que acreditam na força da periferia e da escola pública. Que jamais possamos nos esquecer das nossas raízes e de tudo aquilo que nos faz lutar todos os dias para nos manter de pé e por uma sociedade igualitária. E antes que eu me esqueça, esse projeto também é para mim. Por todas as vezes que cogitei desistir e tirei forças de onde achava que não tinha, para poder me tornar a primeira universitária da minha família, mesmo em meio a tantas dificuldades. O *Periféricos* é um sonho que se torna realidade para dar espaço a outros sonhos.

RESUMO

O presente trabalho apresenta o site Periféricos (www.perifericosjornalismo.com), um projeto experimental de jornalismo cujo objetivo é dar visibilidade às populações, iniciativas, causas e questões do bairro Santa Maria e suas adjacências, situados em uma área periférica de Aracaju, capital de Sergipe. Trata-se de uma experimentação jornalística, com ênfase ao gênero reportagem, que busca superar os estereótipos e negatividades atribuídos a essas localidades, por meio de uma abordagem de dentro para fora e de fora para dentro. Para isso, adota-se uma perspectiva que privilegia o sujeito observador e narrador, sem desconsiderar compromissos clássicos do processo de produção jornalística. Espera-se que o produto resultante deste trabalho funcione como protótipo para um projeto jornalístico mais amplo, voltado para outras áreas periféricas de Aracaju.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo periférico; jornalismo de periferia; bairro Santa Maria; Subjetividade no jornalismo.

ABSTRACT

This work presents the the website Periféricos (www.perifericosjornalismo.com), an experimental journalism project aimed at providing visibility to the populations, initiatives, causes, and issues of the Santa Maria neighborhood and its surroundings, located in a peripheral area of Aracaju, the capital of Sergipe. It is an experiment in journalism, with a focus on the genre of reporting, seeking to overcome stereotypes and negative perceptions associated with these locations through an inside-out and outside-in approach. This involves adopting a perspective that privileges the observing and narrating subject, while not disregarding the classic commitments of the journalistic production process. It is hoped that the resulting product of this work will serve as a prototype for a broader journalistic project aimed at other peripheral areas of Aracaju.

KEYWORDS: *Peripheral* Journalism; Periphery Journalism; Santa Maria; Subjectivity in Journalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapas de Aracaju e do bairro Santa Maria.....	18
Figura 2 - Cartazes utilizados para chamar a atenção para o formulário.....	27
Figura 3 -Página inicial do antigo site Seja Você Protagonista.....	32
Figura 4 - A esquerda, posts no instagram _sejavcprotag e ao lado direito posts no site.....	36
Figura 5 - variações da logomarca do Perifericos.....	41
Figura 6 - Cabeçalho.....	43
figura 7 - rodapé.....	43
Figura 8 - Janela do site periféricos.....	43
Figura 9 - homepage do site Periféricos.....	44
Figura 10- Adaptações feitas para a versão mobile do site.....	45
Figura 11 - Curso #Colabora com Inclusão e Diversidade, aula 6.....	46
Figura 12 - Em um dos encontros pude dialogar com as jornalistas do Entrebecos, organização periférica de Salvador e com a jornalista Bianca Pedrina do Nós Mulheres da Periferia.....	47
Figura 13 - Organizações participantes da formação por região.....	47
Figura 14 - Anderson Menezes, diretor de tecnologia e negócios da Agência Mural, mostra como utilizar o trello para organizar projetos.....	49

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percepção da cobertura jornalística sobre o Bairro Santa Maria.....	28
Gráfico 2 - Formatos preferidos pelo público.....	29
Gráfico 4 - Plataformas preferidas pelo público.Gráfico de respostas do Formulários Google. Título da pergunta: Por quais mídias você se informa?. Número de respostas: 57 respostas.....	29
Gráfico 5 - Gráfico sobre faixa etária. Fonte: elaboração.....	30
Gráfico 6 - Gráfico sobre gênero.....	31
Gráfico 7 - Gráfico sobre escolaridade. Fonte: elaboração.....	31
Gráfico 9 - Gráfico sobre renda familiar.....	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. JORNALISMO E PERIFERIA.....	15
2. O BAIRRO SANTA MARIA.....	18
3. A COBERTURA JORNALÍSTICA DO BAIRRO SANTA MARIA.....	21
4. JORNALISMO DE SUBJETIVIDADE E CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE.....	24
5. PERIFÉRICOS: DA IDEIA ÀS PRIMEIRAS DEFINIÇÕES.....	28
6. O PRODUTO.....	35
6.1. SEÇÕES E CONTEÚDO.....	35
6.2. PROJETO EDITORIAL.....	38
6.3. IDENTIDADE VISUAL.....	41
5. VIABILIDADE DO PROJETO.....	47
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
APÊNDICE.....	54

INTRODUÇÃO

Não é fácil definir o que é uma periferia do ponto de vista não espacial. Geograficamente é um pouco mais “simples”, pois a periferia é associada à região mais distante do centro urbano. Conforme a definição do do mini dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, numa cidade, a periferia é aquela região mais afastada do centro urbano (FERREIRA, 2001). No entanto, a ideia de periferia não pode ser apenas definida pelo território, mas também por uma série de outros fatores.

Antes de entender o conceito de periferia, é preciso compreender o que é um território. Para o geógrafo brasileiro Milton Santos, o território tem que ser visto como algo em processo. SANTOS (1999) enxerga o território como algo em processo, que seria o resultado das interações entre pessoas e grupos sociais com o ambiente físico. “Ele é muito importante, ele é um quadro de vida de todos nós, na sua dimensão global, na sua dimensão nacional, na sua dimensão nacional, nas suas dimensões intermediárias e na sua dimensão local”. (SANTOS, 1999 p.17).

Diante das grandes transformações nos espaços urbanos no Brasil(caracterizadas pela rápida expansão e formação de novos padrões de organização espacial nas cidades), os coletores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) enfrentavam desafios na realização da coleta de dados áreas conhecidas como favelas e similares, então, em 1980, o IBGE passou a construir um conceito a fim de abarcar a pluralidade de aspectos que configuram esses espaços por todo o País.

O IBGE divulgou recentemente uma nota metodológica sobre a mudança de nomenclatura de Aglomerados Subnormais para Favelas e Comunidades Urbanas. O documento, informa sobre os elementos que orientaram a retomada do termo ‘Favela’ no Censo Demográfico de 2022. O documento informa que a expressão “Aglomerado subnormal” era associada à [Lei 6.766. de dezembro de 1979](#), que definia normas complementares relativas ao parcelamento do solo urbano e foi estabelecida como

um conjunto constituído por unidades habitacionais (barracos, casas...), ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terrenos de propriedade alheia (pública ou particular), dispostos, em geral, de forma desordenada e densa, e carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais. O que caracteriza um “Aglomerado Subnormal” é a ocupação desordenada e que,

quando da sua implantação, não houvesse posse da terra ou título de propriedade (IBGE, 1990).

O termo que apontava para uma coisa abaixo da norma, foi orientado na identificação de deficiências e/ou precariedades na infraestrutura urbanística e na prestação de serviços públicos essenciais (IBGE, 2024). Com isso, diversas vezes “termos como “irregular”, “ilegal”, entre outros, que destacavam o posicionamento dessas populações no âmbito de um aparato normativo impraticável e inalcançável por parte de grupos sociais vulnerabilizados”(IBGE, 2024, p. 5).

É importante salientar que essa perspectiva foi superada a partir da constituição de 1988, que define o direito à cidade e à moradia com direitos universais. E com o passar do tempo, as favelas/periferias, assim como outras comunidades de fora do ‘centro’(seja esse urbano ou não), se desenvolveram de formas diversas, com semelhanças e particularidades, de território para território.

Em "Produção do Espaço Urbano: Reflexão Teórica sobre o Bairro Periférico e Popular", Rhafic Concolato da Silva afirma que as cidades são fragmentadas por sub-regiões mais ou menos valorizadas em aspectos como o ponto de vista imobiliário, infraestrutura e outras visões. (SILVA, 2021, p. 89-90). Segundo o artigo, os bairros são territórios únicos, com realidades diferentes, nas particularidades de cada cidade e:

no bairro periférico e popular há uma problemática socioespacial mais ou menos definida: está geograficamente distante do centro da cidade, denominado periferia e possui em sua maioria uma população de baixa renda e status social, ou seja, popular, mas nem todo bairro periférico é popular e nem todo bairro popular é periférico. (SILVA, 2021)

Como citado anteriormente, as comunidades periféricas possuem semelhanças, mas também têm suas particularidades. A Doutora em Ciências da Comunicação Mara Rovida destaca que “a periferia é dinâmica e plural, é território ocupado com subdivisões e organizações internas que se diferenciam entre si e tornam o espaço diverso e complexo”. (ROVIDA, 2018 p.14). No entanto, as periferias e os periféricos são, na maioria das vezes, associados a violência e à falta de infraestrutura.

Diariamente, diante da ausência das realidades periféricas na cobertura da imprensa hegemônica, o jornalismo contribui para a propagação de estereótipos. A percepção desse estereótipo, antes mesmo de iniciar o curso de jornalismo e de ter clareza sobre o significado de um estereótipo, foi um dos motivadores para a

realização deste trabalho. A motivação se completou com o estudo da comunicação regional (AGUIAR, 2016) e depois de cursar a disciplina de Jornalismo Integrado I, na Universidade Federal de Sergipe, voltada justamente para a produção hiper-local.

Em conjunto, esses incômodos e instrumentos mostraram que são necessários projetos que abordem, de maneira respeitosa, a realidade das comunidades periféricas e tradicionais da grande Aracaju, de modo que as pessoas possam conhecer os acontecimentos positivos dessas comunidades e discutir os problemas existentes a partir de uma perspectiva que não recorra a estereótipos relacionados aos espaços e aos indivíduos da periferia, mas que busque apresentar soluções ao discutir essas problemáticas. Portanto, este projeto de pesquisa se justifica pela necessidade de construir um jornalismo comunitário para as periferias de Aracaju.

Em síntese, o objetivo do trabalho é construir um site jornalístico que informe e discuta sobre a realidade das comunidades periféricas de Aracaju, com destaque inicial para o Bairro Santa Maria, incluindo seus problemas e belezas. Também é objetivo do projeto dar protagonismo às vozes de moradores e frequentadores do bairro, normalmente invisibilizados.

Para alcançar esse objetivo, o trabalho realizou uma série de atividades, que serão expostas nos capítulos subsequentes. O Primeiro aborda um pouco sobre o jornalismo periférico, ao passo que o segundo capítulo se dedica a expor como o bairro Santa Maria é coberto pela imprensa sergipana, no terceiro há uma breve discussão acerca do jornalismo de subjetividade e critérios de noticiabilidade, no já no quarto capítulo, discorro sobre a decisão de transformar o site *Seja Você Protagonista no Periféricos*, no quarto apresento o conjunto do *Periféricos*, e por fim trago discussões sobre sustentabilidade financeira.

1. JORNALISMO E PERIFERIA

O trabalho jornalístico é fundamental, é através da imprensa que as informações sobre diversos eixos da sociedade se tornam públicos e a democracia é fortalecida. Também é a partir do jornalismo que debates são iniciados e grupos outrora ignorados podem passar a ser vistos. No entanto, às vezes, ao invés de permitir que lutas invisibilizadas sejam ouvidas, o discurso jornalístico acaba reforçando visões preconceituosas e engessadas na sociedade.

Isso acontece tanto por causa dos critérios de seleção jornalística, e também da maneira em que ocorre o processo de produção do conteúdo. Na teoria, o jornalismo deve ocorrer sem interferências do repórter. Essa ‘falta de influência’ no conteúdo é chamada de imparcialidade, mas ela é praticamente inalcançável, tendo em vista que só de definir o acontecimento a ser pautado, o repórter por si só já está influenciando no processo, e assim reproduzindo recortes da realidade social.

Devido a impossibilidade de noticiar todos os acontecimentos existentes, os veículos jornalísticos precisam adotar valores-notícia e critérios de noticiabilidade para selecionar os acontecimentos que serão processados pelos profissionais. Para Guerra e Feitoza (2020), esse processo de seleção é um princípio de finalidade para o jornalismo. Ou seja, a capacidade de distinguir e selecionar acontecimentos é uma competência profissional que ajuda a definir o jornalismo e a sua serventia para a sociedade.

Segundo Feitoza (2021), é importante questionar se os critérios utilizados nas organizações jornalísticas são os melhores, se o modo de aplicação é o mais adequado e quais seriam os melhores critérios e métodos para a aplicação. A autora ainda aponta que a forma como ocorre a seleção pode ser prejudicial, pois pode “consolidar práticas pouco refletidas ou vícios adquiridos no cotidiano, apresentando um antigo modo de produzir jornalismo como a única rotina possível” (FEITOZA, 2015, p. 4).

Além disso, Feitoza observa que listagens de como selecionar a notícia, na verdade, indicam como a notícia normalmente é selecionada, dispensando pouco esforço para entender os motivos iniciais dessa seleção ou o que ela representa. Essa reflexão parece compatível com o objeto de interesse deste trabalho. Como foi visto, ao noticiar espaços não hegemônicos como as periferias, a imprensa tradicional tende a priorizar valores-notícia como tragédia, impacto, justiça e conflito.

Essa abordagem pode perpetuar estereótipos e visões distorcidas dessas comunidades. Nessa linha de pensamento a pesquisadora Mara Rovida afirma que:

O subúrbio então quase sempre será vinculado a acontecimentos violentos e as vozes dos sujeitos desses cenários estarão impreterivelmente ligadas a esse tipo de situação. Portanto, o estigma é reforçado, por um lado, porque esses sujeitos são mencionados quase que exclusivamente nesse tipo de pauta, mas por outro porque são considerados de capacidade intelectual e cultural limitada para opinar sobre qualquer coisa, mesmo que diga respeito ao próprio subúrbio (ROVIDA, 2018)

Diante desse tipo de jornalismo que exclui, nasce o jornalismo independente/alternativo, o qual tem crescido devido ao número de jornalistas desiludidos com a imprensa hegemônica influenciada por grupos políticos e grandes empresas. Fígaro(2019) destaca que

para sobreviver na profissão, eles [jornalistas] buscam formas alternativas de exercer o seu trabalho e se organizam para fundar veículos de comunicação e produzir conteúdo jornalístico. Os novos arranjos econômicos do trabalho dos jornalistas são uma possibilidade de arranjar, isto é, de organizar o trabalho de forma alternativa e independente aos conglomerados de mídia". (FIGARO, 2019)

Em "Territórios do Jornalismo", a professora Dra. Sonia Aguiar (2016) afirma que as práticas jornalísticas que se diferenciam da grande imprensa pretensamente de alcance nacional recebem várias denominações, sendo as mais comuns o jornalismo de interior, o jornalismo local e o jornalismo regional. Guardadas as devidas singularidades, essas denominações têm em comum fato de se orientarem pelo princípio de proximidade, termo associado a algumas características singulares, como a intimidade do periódico com seu público e com os temas abordados por ele.

Para Rovida, o jornalismo periférico é uma parcela da produção alternativa e/ou independente contemporânea. Ela destaca que nesse tipo de jornalismo, o diferencial está na ênfase dada ao CEP da notícia e que as narrativas produzidas nesses veículos são elaboradas a partir de um território. (ROVIDA, 2018). No cenário desse jornalismo plural, o qual tem-se várias maneiras de se fazer. A pesquisadora diz:

É interessante perceber que, ao que tudo indica, uma das marcas desse extrato do jornalismo alternativo formado pelo que vimos chamando de jornalismo periférico é a relação entre os produtores da comunicação com o território sobre o qual falam. Isso implica em inserir personagens ou

protagonistas das narrativas jornalísticas e jornalistas num mesmo contexto urbano. (ROVIDA, 2018, p.11)

Ao passo que a imprensa hegemônica, pautada pelas teorias do jornalismo e a falsa ideia de isenção prioriza o discurso de fontes oficiais e, diversas vezes, omite a visão de pessoas ligadas à periferia, o jornalismo periférico, por meio de sua singularidade, ajuda na ampliação de vozes silenciadas pelo jornalismo tradicional.

Essa perspectiva periférica, num jogo quase filosófico, passa a ser central nas narrativas produzidas por esses jornalistas independentes ou coletivos de jornalistas. O motivo dessa postura tem relação com uma percepção compartilhada por esses comunicadores, por meio da qual se constata o silenciamento sistemático dos grupos identitários vinculados às periferias da grande metrópole. (ROVIDA, 2018)

Além dos aspectos apresentados anteriormente, o jornalismo periférico tem como uma das características principais, a aproximação assumida com o público, e assim é feito de dentro para fora, ou seja, de dentro da comunidade para o mundo. O jornalismo periférico/comunitário tem como público-alvo pessoas com vínculos de pertencimento a uma determinada localidade, que mesmo sendo urbana, não é representada pelos veículos da grande imprensa, uma vez que a mídia hegemônica tende a focar os centros e não as periferias.

Trabalhando nessa linha de pensamento jornalístico a organização *Nós Mulheres da Periferia*, em um manifesto propõe definir a periferia como o centro com a finalidade de inverter uma lógica de segregação e exclusão. Para esse veículo da periferia de São Paulo, “colocar a periferia em destaque é assumir um posicionamento espacial e social”. De acordo com Mara Rovida, nos veículos periféricos, o olhar das periferias passa a ser o central.

O jornalismo que proponho neste projeto tem essa proximidade assumida com o público do bairro Santa Maria, localidade onde nasci(nasci em casa), cresci, amadureci e me tornei jornalista. No bairro Santa Maria, periferia da capital do menor estado do país, desenvolvi uma relação com os moradores e a terra dura(primeiro nome dado à região). Devido a minha vivência enquanto uma comunicadora de uma região periférica, resolvi propor um tipo de jornalismo feito de dentro para fora e de dentro para dentro..

2. O BAIRRO SANTA MARIA

Figura 1 - Mapas de Aracaju e do bairro Santa Maria.



Fonte: Google Maps

Localizado na zona de expansão de Aracaju, o bairro Santa Maria faz fronteira com o São Conrado, Marivan (que antes integrava o Santa Maria), Aeroporto, Jabotiana e o município de São Cristóvão. Alinhado ao pensamento de território usado por Milton Santos, pode-se afirmar que o bairro Santa Maria permanece em constante mudança. Ou seja, está em transformação desde o início.

Se o tomarmos a partir de seu conteúdo, uma forma conteúdo, o território tem de ser visto como algo que está em processo. E ele é muito importante, ele é o quadro da vida de todos nós, na sua dimensão global, na sua dimensão nacional, nas suas dimensões intermediárias e na sua dimensão local. Por conseguinte, é o território que constitui o traço de união entre o passado e o futuro imediatos. (SANTOS, 1999)

Além disso, para os moradores desse território (inclusive eu), o bairro Santa Maria é como uma “cidade” dentro de Aracaju. No passado, quem morava no Santa Maria tinha que se deslocar para trabalhar, se divertir, estudar e até fazer compras, mas atualmente cada vez menos deslocamentos são feitos com essa finalidade, tendo em vista que na região já é possível fazer todas essas atividades. Fora os bairros 17 de março e Marivan, que apesar independentes, são adjacências do Santa Maria, a localidade abriga os seguintes conjuntos: Jardim Recreio, Paraíso do Sul, Prainha, Ponta da Asa, Invasão, Padre Pedro (etapas 1 e 2), Jardim Santa Maria, Paraisópolis, e outros.

O bairro Santa Maria teve origem a partir de ocupações em uma fazenda com o mesmo nome, após a construção do Canal de Santa Maria. Com a conclusão da obra, a localidade passou a abrigar mais moradores, em sua maioria trabalhadores do empreendimento. Inicialmente denominada Povoado de Santa Maria, a região ficou mais conhecida como "Terra Dura". No ano de 1980, a região começou a ser utilizada para o descarte de lixo das cidades de Aracaju e São Cristóvão. A transferência do antigo Lixão do Bairro Soledade para a "Terra Dura" contribuiu para a associação do local com pobreza e violência.

Segundo o doutor em sociologia Ewerthon Clauber de Jesus Vieira, essa ligação com a miséria, pobreza e violência "se tornou predominante a partir dessas últimas intervenções urbanas" (VIEIRA, 2011, p.17), resultando na criação de estigmas e estereótipos. Em 8 de maio de 2000, numa tentativa de desassociar a região da imagem de miséria, pobreza e violência, o governo de Sergipe e a Prefeitura Municipal de Aracaju alteraram o nome de "Terra Dura" para Santa Maria. "A mudança do nome é uma intervenção urbana para qualificar a localidade como símbolo de mudança, e tirar o legado da terra dura" (VIEIRA, 2011, p.90).

VIEIRA, destaca que o crescimento do bairro não foi uma coisa natural, ou seja um processo migratório, mas parte de intervenções da política de habitação por parte do poder público. (VIEIRA p. 136). Ao trazer moradores de outras localidades, por causa do direito à moradia, a Terra Dura foi se constituindo com a ausência de políticas públicas e falta de planejamento da gestão municipal, então, a violência e a falta de infraestrutura se tornaram visíveis. E, o mesmo poder público que segmentou comunidades, visando o esvaziamento de outros espaços para construir a Terra Dura(que ficava longe da região central de Aracaju), precisou intervir na imagem do Santa Maria. Segundo Ewerthon Clauber de Jesus Vieira:

As políticas urbanas locadas no bairro Santa maria cumprem, talvez, o papel anunciado de mudança e qualificação urbana na medida em que marcaram sua imagem construída e assumem de forma perversa que a reinvenção baseia-se na sua invenção, produtora em grande medida da sua marginalidade. Sendo assim, a destigmatização da imagem do bairro pressupõe uma estigmatização edificada com a contribuição do poder público. Trata-se, como já dito, não de uma retratação ou ausência de Estado, mas de ações deliberadas que construíram comunidades sócio espacialmente segmentadas. (VIEIRA, P. 138)

Assim como todo lugar localizado na zona de expansão, a Terra Dura foi crescendo e se desenvolvendo e alguns conjuntos habitacionais foram integrados à

localidade, bem como outros passaram a não fazer mais parte do agora bairro Santa Maria (Marivan é um exemplo). Em 2010, foi construído o “Bairro Novo”, intitulado como 17 de Março que tem relação com a “mudança de imagem” da terra dura para o Santa Maria. Tanto o Marivan, quanto o 17 de Março são para os moradores da região, parte do Santa Maria. O 17 de Março devido ao seu processo de construção e o Marivan, porque fez parte até o ano abril de 2018.

3. A COBERTURA JORNALÍSTICA DO BAIRRO SANTA MARIA

Ainda que as periferias não costumem ser territórios que não recebem cobertura jornalística, é comum que elas recebam coberturas tendenciosas e que focam apenas os aspectos negativos, como a criminalidade e os problemas de infraestrutura. Esse diagnóstico se aplica à cobertura encontrada nos veículos de comunicação do estado de Sergipe sobre o bairro Santa Maria.

Como dito anteriormente, uma das motivações para a realização desse projeto está diretamente relacionado a maneira como o Bairro Santa Maria é retratado pela imprensa sergipana. Nesse sentido, a realização do trabalho, que tem por objetivo oferecer uma cobertura alternativa para esse bairro, precisou não só buscar informações sobre a história do local, mas também observar de forma mais rigorosa, para além da impressão inicial, como é a cobertura jornalística existente sobre o bairro.

A mudança do nome Terra Dura para Santa Maria ajudou a diminuir o preconceito para com a região, no entanto, o estigma sobre a região já estava estabelecido e a forma como a imprensa sergipana aborda a localidade tem contribuído (e ainda contribui) para fortalecê-lo. Uma das partes mais marcantes da dissertação do doutor em Comunicação Social Cristian Góes, sobre a cobertura sensacionalista da imprensa sergipana, está na justificativa da pesquisa. O autor relata a visita de dois adolescentes, estudantes do ensino médio e moradores da Terra Dura, à redação do Cinform, veículo em que o pesquisador trabalhava. Na ocasião, os jovens solicitaram que o jornal parasse de publicar matérias sensacionalistas sobre a "Terra Dura", com a seguinte justificativa:

'Tudo que acontece de ruim em Sergipe, para este jornal, está na Terra Dura. Qualquer crime, roubo, estupro, bandido está na Terra Dura. Qualquer notícia ruim no jornal, mesmo não sendo da Terra Dura, é aquele bairro que é citado como comparação negativa. Para o Cinform, o que não presta está na Terra Dura e tudo é noticiado com sensacionalismo, como o fim do mundo. O resultado disso é que não conseguimos estágio e emprego em lugar nenhum.' (Nesse momento, eles apresentam uma série de currículos que teriam sido rejeitados). 'Não somos bandidos, criminosos, porque moramos na Terra Dura, mas as pessoas só nos enxergam assim. Achamos que o jornal tem culpa. Será que temos que mentir nosso endereço no currículo para sermos aceitos?' (GÓES, 2014, p. 21)

Ainda que a fala dos jovens tenha motivado o trabalho do pesquisador e o jornal em questão já não exista, a realidade persiste inalterada. Outras empresas jornalísticas continuam enquadrando bairros periféricos, como o Santa Maria, através dos mesmos estereótipos mencionados (SANTOS; FEITOZA, 2023). Como resultado dessa abordagem pejorativa construída pela imprensa tradicional, este projeto surgiu.

Ao assistir, ler ou ouvir notícias sobre o Santa Maria, é notável que os enquadramentos utilizados pela imprensa sergipana para a localidade frequentemente estão relacionados à violência e à falta de infraestrutura. Além disso, as fontes ouvidas pelos jornalistas sergipanos geralmente são oficiais, e o ponto de vista da comunidade é frequentemente ignorado.

Pudemos confirmar essa percepção no trabalho intitulado "Jornalismo e periferia: a cobertura jornalística do bairro Santa Maria em Aracaju", apresentado no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, O Intercom, em 2023, na cidade de Belo Horizonte/MG. Para a pesquisa, analisamos uma amostra de 47 notícias veiculadas nos portais A8SE e G1SE, ao longo de um ano. A coleta de dados revelou que

Ao tratar do bairro Santa Maria, a cobertura jornalística pelos portais analisados privilegia temas ligados a violência e problemas de infraestrutura, as fontes ouvidas são oficiais e os valores-notícias acionados são em sua maioria tragédia, justiça e impacto. As fontes e os valores-notícia, nos permitiram visualizar não só recorrências problemáticas, mas ausências críticas. Em conjunto a análise de conteúdo mostrou que o enquadramento do Bairro Santa Maria reforça estereótipos quanto ao lugar e que continua agendando sociedade para associar periferia e problemas sociais, incapaz de perceber individualidades, potencialidades e a desigualdade social como origem dos problemas em curso. (SANTOS; FEITOZA, 2023, p. 12)

Nos dois portais, o valor-notícia mais acionado na cobertura é o drama-tragédia, que segundo Gislene Silva (2005, p. 65), se refere a “catástrofe, acidente, risco de morte e morte, violência/crime, suspense, emoção, interesse humano”, vale destacar que na cobertura a dimensão dramática, pensada como um recurso narrativo, é pouco explorada, na verdade, as tragédias são descritas com naturalidade, quase como se fossem inerentes ao bairro.

A realidade percebida nessa análise reforçou ainda mais a necessidade e a urgência de produzir uma cobertura jornalística alternativa, capaz de observar a realidade do bairro, inclusive seus problemas dramas e tragédias a partir de outra

perspectiva, não naturalizadora ou distante, mas como parte da realidade local. A produção de um jornalismo envolvido com a comunidade, entretanto, levou esses trabalhos a algumas discussões atuais sobre o que é esperado do jornalismo. Discussões breves envolvendo as ideias de objetividade e subjetividade no jornalismo serão expostas na seção a seguir.

4. JORNALISMO DE SUBJETIVIDADE E CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE

A maneira como são definidos não só os valores-notícia que orientam as coberturas, mas também como são priorizadas as fontes e os enquadramentos, são objeto de discussão do jornalismo de subjetividade. Para autoras como Fabiana Moraes (2022), longe de serem objetivas, essas definições marcam interesses que atravessam o jornalismo. Além disso, a autora destaca que esses critérios também são insuficientes para a observação de alguns grupos sociais, já que não representam mulheres, negros, indígenas, pobres e LGBTQIA+ ou nenhum outro grupo minoritário.

Para a autora, a objetividade do jornalismo brasileiro sustenta a performance de neutralidade que, no final, pode acabar validando discursos hegemônicos (MORAES, 2022, p.16). Além disso, ela ainda afirma que o discurso da objetividade jornalística pode produzir dogmas que fragilizam a própria prática.

De acordo com Guerra (1999), a imparcialidade é um dos princípios clássicos do jornalismo, que consiste na escuta de todos os lados envolvidos nos acontecimentos noticiados. Guerra (1999, p.3) explica que a imparcialidade está ligada à "exigência de pluralidade na cobertura jornalística", mas também envolve uma preocupação com a veracidade dos fatos. Essa veracidade está diretamente relacionada ao princípio da neutralidade, segundo o qual o repórter deve discernir, no momento da apuração, o que é a realidade e o que é influenciado por suas percepções pessoais. O jornalista deve permanecer imune a qualquer tipo de interesse, seja emocional, financeiro ou político.

GUERRA (1999, p.2) argumenta que "injunções externas à ordem da realidade" podem comprometer a objetividade do relato jornalístico. No entanto, o próprio pesquisador admite que "a verdade não se dá com clareza" (GUERRA, 1999, p.3), e por isso, o jornalista busca se aproximar dela ao máximo, considerando o melhor de cada versão disponível. Ele, como crítico da ideia da impossibilidade da imparcialidade, afirma que

A partir das diferentes perspectivas, cada uma com sua própria verdade, emergiria uma nova forma de entendimento. A verdade seria alcançada considerando o melhor de cada perspectiva, buscando superar a verdade restrita a apenas uma delas. Nesse caso, o princípio da imparcialidade garantiria uma síntese verdadeira e objetiva em relação ao fato, a partir das diferentes versões concorrentes. Aqui, a imparcialidade se constituiria como um método para alcançar a objetividade, permitindo ao jornalista integrar e

ponderar as diversas narrativas envolvidas, visando apresentar uma visão mais completa e precisa dos eventos.(GUERRA, 1999, p.3)

Ainda que seja claro que o autor não argumenta em torno de uma objetividade ingênua, mas construída na relação com a subjetividade, esse trabalho compreende que esses valores e conceitos, da maneira como são aplicados no jornalismo têm contribuído para legitimar coberturas como a que a Santa Maria têm recebido. Nesse sentido, parece mais pertinente a crítica de Moraes (2022) ao conceito de objetividade.

Para Fabiana Moraes (2019), a objetividade no jornalismo não pode ser alcançada, uma vez que as experiências pessoais do profissional já implicam um recorte da realidade. A autora discute e pratica o jornalismo imersivo, que vai de encontro a concepções como a de Guerra (1999) e aos princípios clássicos do jornalismo, os quais, segundo ela, resultam em uma prática engessada e marcada por desigualdades sociais.

A autora afirma que não são raros os enquadramentos jornalísticos que tentam justificar coisas injustificáveis, como machismo, classicismo e homofobia. No artigo "Subjetividade: Ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral", Moraes (2019) apresenta exemplos de enquadramentos naturalizados pelo discurso jornalístico. Esses enquadramentos refletem uma visão distorcida da realidade e perpetuam preconceitos e estereótipos, em vez de promover uma cobertura jornalística justa e equilibrada.

peças assassinadas sentenciadas como culpadas por terem “provável ligação com drogas”; mulheres vítimas de machismo mortas “por ciúme”; travestis que surgiam apenas nas páginas policiais ou se prostituindo; a questão racial sendo reduzida a efemérides; o sertão como o lugar dos famintos à espera de um milagre; a pobreza enquadrada como vítima, violenta ou “a que supera adversidades. (MORAES, 2019, p.207)

Discussões e demandas informativas, para ela, não seriam garantidas pelo discurso da objetividade, mas seriam prejudicadas por ela, já que a objetividade tenderia a pactuar com desigualdades pré-existentes da sociedade, além de reforçá-las. Moraes (2019) considera que o jornalismo, e os seus princípios, assim como a sociedade precisam ser repensados. “Molduras anacrônicas para dar conta de uma sociedade que também se repensa. Há algo de muito errado em uma prática jornalística que não absorve os movimentos a sua volta em nome de uma “isenção”” (MORAES, 2019, p. 217).

Moraes (2019, p. 209) argumenta que os defensores da objetividade entendem que "o bom jornalismo" é feito com isenção. No entanto, na prática, a escolha dos temas pautados, das fontes, dos locais observados e até mesmo a produção da pauta já representam uma tomada de posição. Nesse sentido, para a autora, o jornalismo subjetivo se configura como uma ferramenta importante para a representação ampla de diferentes camadas sociais, que podem incluir recortes de gênero, classe, raça, geografia e outros aspectos.

Em "A Pauta é uma Arma de Combate", Moraes (2022), expõe aspectos práticos desse jornalismo humanizado, que reconhece e valoriza as particularidades de cada sujeito, torna-se essencial para trazer à tona as vozes e perspectivas que muitas vezes são ignoradas ou invisibilizadas. Conforme Moraes destaca, é necessário trazer o "de dentro" (MORAES, 2022 p. 11), ou seja, o íntimo, a visão de mundo de cada repórter e as diversas dimensões dos sujeitos envolvidos. Assim como questionar e reavaliar nossos conceitos de democracia e humanidade, também é crucial repensar a objetividade no jornalismo (MORAES, 2022).

Novamente, é importante destacar, que o trabalho reconhece o rigor intelectual da obra de Guerra (1999), bem como a sua motivação de amadurecer o conceito de objetividade, considerado pelo autor como fundante para o jornalismo, entretanto, as necessidades materiais de produzir um jornalismo comprometido com grupos sociais que têm sido ignorados e marginalizados pelas coberturas que são referência do "bom jornalismo", encaminham esse trabalho para optar pela perspectiva do jornalismo subjetivo, onde a experiência do repórter não torna o produto final "menos profissional", mas o enriquece.

Da mesma forma que a sociedade se desenvolve(ou deveria) com o passar do tempo, o fazer jornalismo também deve mudar. A imparcialidade e objetividade não podem ser desculpas para marginalizar ou ignorar as vozes das minorias que há tanto tempo lutam para serem ouvidas. O jornalista deve ser um agente de amplificação das vozes, historicamente silenciadas.

Antes de se falar em neutralidade jornalística, é fundamental debater como a objetividade pode ser influenciada por visões raciais, machistas e coloniais. Isso requer uma reflexão profunda sobre os padrões e normas que moldaram o jornalismo ao longo do tempo e como podemos desafiar e transformar essas estruturas para garantir uma cobertura jornalística mais inclusiva e representativa.

Vale destacar que essa crítica da objetividade como ideal norteador não implica um abandono do rigor de apuração que também foi e é compreendido como dimensão da objetividade. Novamente citando Fabiana Moraes, é bom frisar a objetividade considerada necessária.

Qual a objetividade necessária ao jornalismo, aquela da qual não se pode abrir mão? Manuais, profissionais e universidades pactuam mais ou menos a seguinte lista: apuração ampla (entrevistas, consultas bibliográficas, observação in loco); checagem de dados; confirmação e entrecruzamento de informações; escrita acessível a um público mais amplo; busca de fontes variadas e compatíveis ao assunto em tela; manutenção e não alteração do que foi declarado e/ou divulgado; utilização de valores-notícia. São essas 'guias' objetivas, seguidas no caminho da pré-apuração, apuração, escrita e edição (e mesmo após a publicação, com a possibilidade de corrigir eventuais erros), que vão conduzir a repórter à confecção do texto. (MORAES, 2022, p. 14)

Em outras palavras, esse memorial e o produto jornalístico que ele anuncia apontam como necessário realizar um jornalismo comprometido com a apuração e com a transparência, mas não com a percepção de que os procedimentos jornalísticos são isentos ou que podem ser aplicados sem reflexão. processo jornalístico é complexo e precisa ser feito com seriedade, por isso, objetividade no jornalismo, é indispensável. Por isso, o repórter precisa se atentar a esses elementos essenciais destacados acima, mas a objetividade não deve ser usada para justificar as práticas de um jornalismo que exclui, ignora e condena sujeitos.

O produto jornalístico que esse memorial apresenta se compromete com uma perspectiva imersiva, subjetiva e ativista (MORAES, 2022), que pensa o jornalismo como parte integrante de uma comunidade. E nesse caso particular, que pensa o *Periféricos* como parte integrante da periferia de Aracaju, em particular do Santa Maria.

5. PERIFÉRICOS: DA IDEIA ÀS PRIMEIRAS DEFINIÇÕES

Inicialmente, a proposta deste projeto era analisar o programa Cidade Alerta da TV Atalaia (afiliada da rede Record), com o objetivo de apontar os enquadramentos vigentes para com o bairro Santa Maria. No entanto, desconfiávamos que o resultado das análises apontariam para uma cobertura focada na violência e nos problemas infra-estruturais da comunidade. Perspectiva confirmada com a análise da cobertura dos Portais A8 e G1, como descrito anteriormente (SANTOS; FEITOZA, 2023).

Nesse contexto, a mudança do objetivo de pesquisa se relacionou ao intuito de avançar para além do diagnóstico e de produzir uma intervenção na realidade. No início, um entrave foi duvidar do potencial e da existência de energia para desenvolver um projeto desse tamanho, mas, sentindo a necessidade da comunidade, inclusive a minha, como parte da comunidade, que não se sente representada pelo jornalismo sergipano que trata da região, decidimos tentar.

Além do diagnóstico sobre a forma como a mídia sergipana trata o bairro Santa Maria e das referências teóricas discutidas anteriormente, o trabalho sentiu a necessidade também de entrar em contato com a comunidade para melhor entender suas necessidades e interesses e incluir ambos no projeto em questão. Para isso, aplicamos um formulário online, acessível por meio de um QR code ou por um link direto, e direcionado aos moradores do bairro Santa Maria.

Além de compartilhar o link via WhatsApp, Facebook e Instagram, distribuimos cartazes em locais frequentados por diferentes públicos (postos de saúde, Centros de Referência em Atendimento à Família, ocupações do MTST, bares, barbearias, restaurantes, bibliotecas, pontos de ônibus), visando incentivar uma variedade de opiniões sobre a comunicação sergipana e contribuir para a concepção do Periféricos. No total, recebemos 57 respostas que nos esclareceram não apenas sobre o descontentamento da comunidade em relação à forma como a imprensa aborda o bairro, mas também sobre como os moradores do Santa Maria gostariam de receber informações e que tipo de conteúdo desejam.

Figura 2 - Cartazes utilizados para chamar a atenção para o formulário.



Fonte: A autora

Para estimular as pessoas a escanear o QR code, utilizamos frases provocativas como "o jornalismo mente sobre você?". Ao acessar o link ou o QR code, o usuário era direcionado para um questionário construído para entender melhor o público e seus interesses. As respostas revelaram que das 57 pessoas que responderam ao formulário, 23 consomem informações quase sempre, enquanto outras 20 afirmaram consumir sempre. Por outro lado, 13 pessoas responderam que raramente consomem informações, e apenas uma única pessoa afirmou nunca procurar se informar. O interesse da maioria absoluta dos que responderam por informação foi considerado um aspecto positivo, na direção da viabilidade da iniciativa.

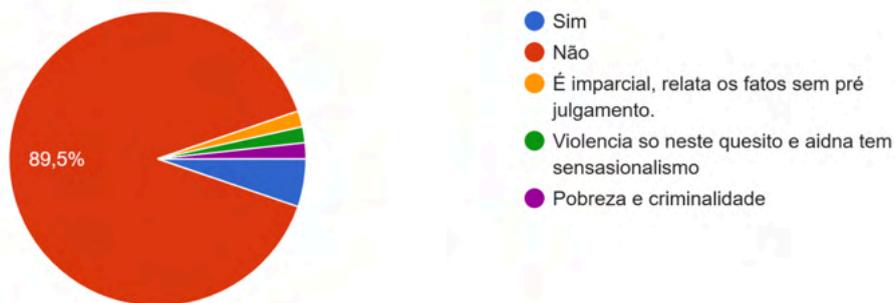
Quando questionadas sobre se o bairro Santa Maria é bem retratado pelos jornais do estado, a resposta não foi surpreendente: das 57 pessoas que responderam ao questionário, 55 responderam às alternativas disponibilizadas (sim e não), desse total, 51 (ou seja, 89,5%) da amostra total afirmaram que não, enquanto três pessoas marcaram que o bairro é bem representado. Outras três pessoas não selecionaram entre as alternativas, mas deixaram comentários, o que era opcional. Os comentários afirmaram que a cobertura "É imparcial, relata os fatos sem pré julgamento", "violência só nesse quesito e ainda tem sensacionalismo" e "Pobreza e criminalidade". Enquanto o primeiro comentário parece apontar para uma defesa da ação da mídia, justificando a cobertura em função da realidade, os dois respondem à pergunta apontando para temas de preferência, isto é, indicando que os jornais se concentram em retratar a violência, a pobreza e a criminalidade. O segundo comentário ainda fez uma referência ao sensacionalismo, indicando que,

na percepção do respondente, a imprensa não só se concentra nessas temáticas, mas ainda as explora como sensacionais.

Gráfico 1 - Percepção da cobertura jornalística sobre o Bairro Santa Maria.

O bairro Santa Maria é bem retratado pelos jornais do Estado?

57 respostas



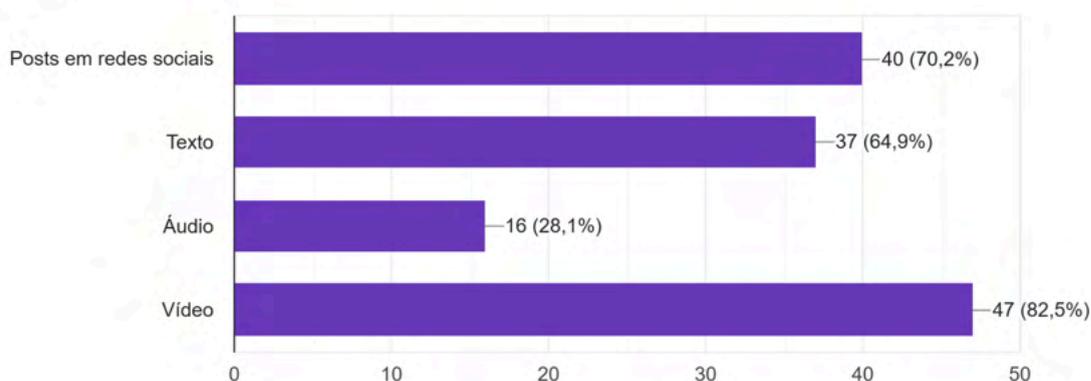
Fonte: A autora

O formulário também questionou as pessoas sobre quais meios elas utilizam para obter informações sobre o bairro Santa Maria, e permitiu que selecionassem múltiplas respostas. Os resultados revelaram que as pessoas preferem se informar pelas redes sociais, seguidas pelo audiovisual, textos e conteúdos sonoros, conforme os gráficos a seguir.

Gráfico 2 - Formatos preferidos pelo público

Quais formatos você prefere?

57 respostas

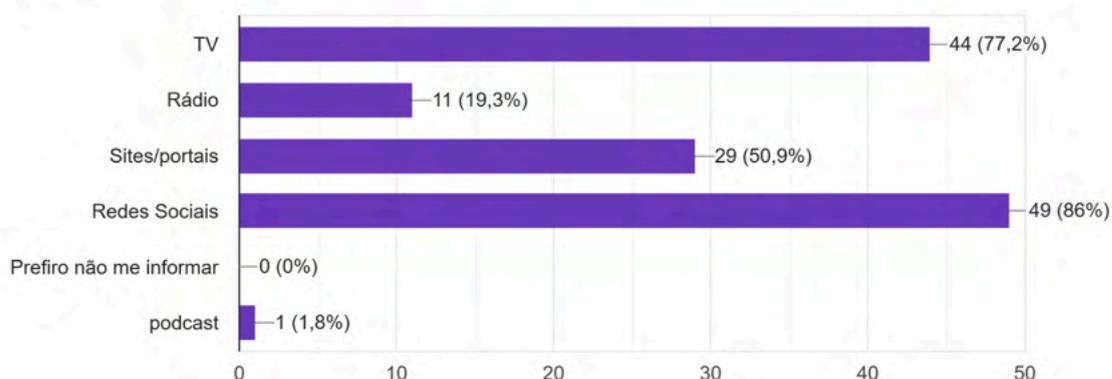


Fonte: A autora

Gráfico 4 - Plataformas preferidas pelo público.

Por quais mídias você se informa?

57 respostas



Fonte: A autora

O resultado a essas questões, reforçou no processo produtivo a necessidade de produzir conteúdo audiovisual e de explorar as redes sociais, contrariando interesses pessoais do início da produção. Nesse momento, o site já passou a incluir conteúdo audiovisual e a utilização das redes sociais, embora ainda não esteja sendo priorizada, está entre os objetos de interesse para ser potencializada adiante. Por hora, as redes sociais serão exploradas como forma de chamar a atenção para o conteúdo do site, mas faz parte dos planos passar a produzir conteúdo específico para as redes sociais.

No formulário, as pessoas também foram questionadas sobre seus assuntos julgados mais relevantes para tratar do Santa Maria. As respostas obtidas foram diversificadas, incluíam educação, cultura, esporte, segurança, saúde, mobilidade urbana, políticas públicas, segurança e emprego, além de menções a arte e lazer. O conjunto de temas citados livremente pelos moradores aponta para uma comunidade ampla e diversa. Esses dados foram utilizados para a produção de pautas já produzidas, bem como para alimentar o banco de pautas que será exposto adiante.

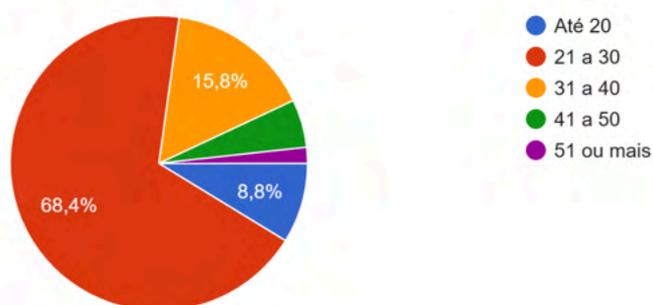
Quanto às características demográficas do público, o levantamento demonstrou que o público do Perifericos é composto majoritariamente por mulheres,

a maioria das pessoas têm idade entre 21 e 30 anos, renda familiar de até um salário mínimo e a escolaridade é bem distribuída. Quanto às pessoas com deficiência, das 57 pessoas que responderam ao formulário, duas pessoas indicaram possuir necessidades especiais.

Gráfico 5 - Gráfico sobre faixa etária. Fonte: elaboração

Qual a sua idade?

57 respostas

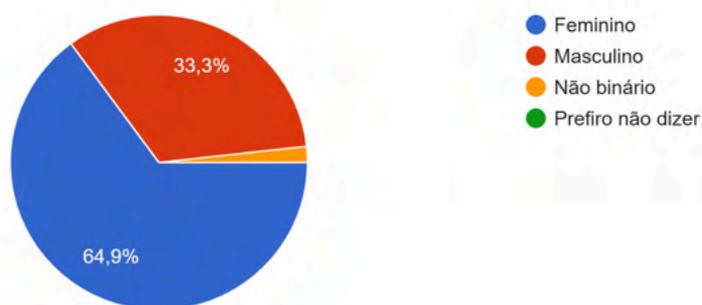


Fonte a autora

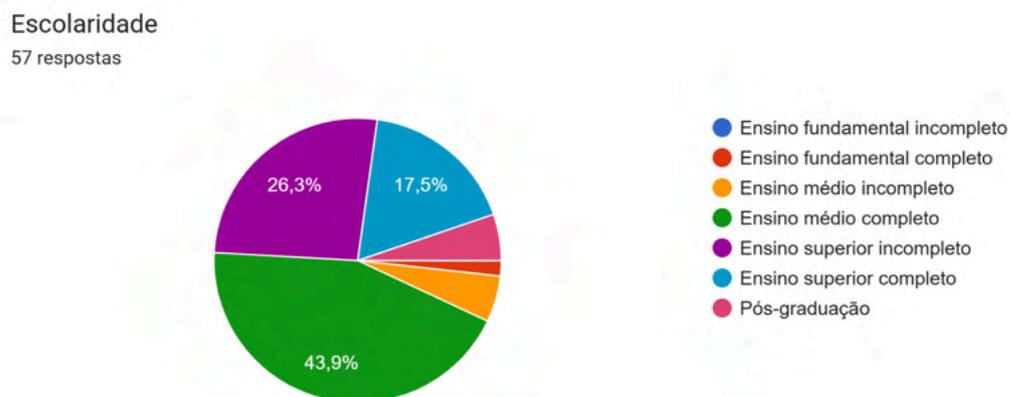
Gráfico 6 - Gráfico sobre gênero

Gênero

57 respostas



Fonte: A autora

Gráfico 7 - Gráfico sobre escolaridade. Fonte: elaboração

Fonte: A autora

Diante do conjunto de respostas, decidimos pelo desenvolvimento de um site jornalístico, denominado Periféricos, com o objetivo de promover um jornalismo humano e subjetivo com foco na periferia. Durante a fase inicial de desenvolvimento, o foco estará no bairro Santa Maria, onde cresci e resido, mas mantendo a intenção de transformar o Periféricos em um espaço que abranja informações e demandas de outras periferias da capital sergipana. O Periféricos é concebido pela e para a comunidade.

O Periféricos também tem como antepassado uma produção anterior, iniciada no início do curso de jornalismo com o intuito de dar visibilidade e protagonismo a personagens da comunidade. O blog “Seja Você Protagonista”, hospedado em 7sejavcprotag.wixsite.com/website trazia perfis jornalísticos foi a base para a construção do Periféricos no que diz respeito às primeiras execuções. Diferente do “Seja Você Protagonista”, o “Periféricos” não será focado apenas em perfis, mas tem o objetivo de explorar outros formatos, como será destacado a seguir. O Periférico também é resultado de um amadurecimento profissional e da capacidade de trabalhar não só com múltiplos gêneros e formatos jornalísticos, mas também com múltiplas linguagens e fases do processo editorial.

Figura 3 -Página inicial do antigo site Seja Você Protagonista



Fonte: A autora

6. O PRODUTO

6.1. SEÇÕES E CONTEÚDO

O quadro abaixo apresenta e sintetiza o objetivo das seções que compõem o periféricos.

Quadro 1 - Seções e Objetivos

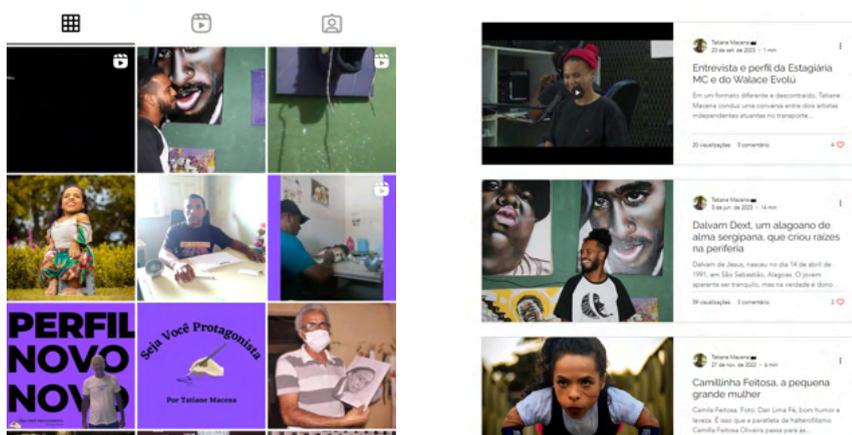
Seção	Objetivo
Reportagem	Concebendo a reportagem como um formato do gênero informativo, responsável por informar sobre temas complexos com um intuito contextualizador (MELO; ASSIS, 2016), no periféricos a reportagem vem para trazer informação aprofundada e embasada, com o intuito de suscitar debates acerca de temas diversos, no qual a comunidade está inserida. Nas reportagens é essencial o espaço concedido para a comunidade, diversas vezes ignorada ou estigmatizada pela imprensa tradicional, também são importantes as fontes especializadas, a fim de aprofundar as discussões e melhorar o conhecimento da comunidade interna e externa sobre a realidade do bairro, quando couber as fontes oficiais também serão consultadas, principalmente com o intuito de responder sobre problemáticas cuja resolução cabe ao estado.
Vídeos	A sessão comportará majoritariamente webdocumentários com linguagem simples e tempo médio de 5 minutos, tendo como personagens centrais as pessoas e elementos da periferia. A seção também poderá incluir outros conteúdos, como vodcasts e outros formatos audiovisuais. O trabalho com o audiovisual responde, entre outros, aos interesses apontados no formulário de consulta à comunidade.
Entrevistas	Formato associado ao gênero informativo (MELO; ASSIS, 2016), a entrevista, com estrutura de ping e pong, deseja comportar bate-papos descontraídos com personalidades do bairro Santa Maria. Em geral, apenas autoridades,

	especialistas e artistas costumam ser personagens desse tipo de entrevista. Nessa seção, o Periféricos pretende também dar visibilidade a outros atores, pertinentes ao bairro.
Protagonistas	Essa seção explora perfis jornalísticos e é a herdeira direta do blog “Seja você protagonista”. Na seção são contadas as histórias de pessoas anônimas e famosas com uma riqueza de detalhes e buscando sempre extrair um pouco da essência de cada perfilado.
Vozes do santa	Espaço aberto para que a comunidade fale sobre diversos temas, respeitando sempre a política editorial do Periféricos. Para além de conteúdos feitos pela comunidade (com a linguagem da preferência de cada um), o Vozes do Santa também é um espaço para explorar outros formatos ligados ao gênero opinativo (MELO; ASSIS, 2016) como editoriais, comentários, artigos, entre outros..
Quem somos	Seção importante para a política de transparência do Periféricos, conta um pouco da nossa história e apresenta a equipe (deve sofrer alterações). É uma forma de dar rosto e nome aos que produzem a informação.
Apoie	Seção que apresenta à população a missão do Periféricos, incluindo seu compromisso de não receber recursos do Poder Público ou de empresas privadas, e pede o incentivo financeiro, necessário para a sobrevivência da iniciativa
Direitos autorais	Seção com regras para usar o conteúdo
Projeto editorial	No projeto editorial há detalhes da nossa concepção de jornalismo, missão, valores e além da externalização dos temas de preferência e de procedimentos necessários à produção jornalística. Essa também é uma seção diretamente relacionada ao compromisso do Periféricos com a transparência da sua prática e com um jornalismo de qualidade, uma vez que baseado em princípios. .

Com base na pesquisa realizada por meio do formulário, compreendemos, em complemento, que nosso público busca predominantemente informações nas redes sociais. Por isso, é crucial, e uma meta em desenvolvimento, manter uma presença ativa nessas plataformas para oferecer conteúdo de qualidade. Planejamos utilizar o Instagram como nosso principal canal de distribuição de informação, apresentando conteúdos dinâmicos, como posts em carrossel e reels. No entanto, desde o início, nosso foco primordial é fornecer informações por meio de um site jornalístico acessível no endereço www.perifericosjornalismo.com.

A continuidade do Seja Você Protagonista como precursor do Periféricos se reflete em alguns posts tanto no site quanto nas redes sociais, representando minha evolução como estudante de comunicação e futura jornalista. Não temos a intenção de remover esses posts, mas iremos revisar o conteúdo do site e adaptar as redes sociais à identidade visual e à política editorial do *Periféricos*. Isso ocorrerá à medida que o Periféricos se estabelece como um veículo independente que destaca as questões da periferia.

Figura 4 - A esquerda, posts no instagram _sejavcprotag e ao lado direito posts no site



Fonte: <http://www.perifericosjornalismo.com>

No *Periféricos*, não nos limitaremos apenas a perfis, mas exploraremos uma variedade de formatos jornalísticos, incluindo entrevistas, reportagens, webdocs e editoriais. Nosso objetivo é abranger a rica diversidade cultural do bairro Santa Maria e de outras localidades de Aracaju que compartilham características semelhantes.

Queremos demonstrar que é possível cobrir áreas não privilegiadas sem perpetuar estereótipos.

6.2. PROJETO EDITORIAL

O *Periféricos* contém um Projeto editorial visível, pois entendemos que a transparência é um elemento importante, para além disso, pretendemos contribuir com a educação midiática da comunidade. Cada pedaço desse projeto editorial foi pensado com esse duplo intuito: transparecer o modo de fazer jornalismo, contribuindo com a qualificação da profissão, e educar a comunidade sobre o modo como o jornalismo deve ser feito. Assim, um projeto editorial funciona tanto como uma carta de princípios e compromissos, quanto como uma lista de requisitos a partir dos quais o jornalismo do Periféricos pode ser cobrado.

QUEM SOMOS

Na seção quem somos é apresentada não só a base para a criação do nome do veículo, mas também um conjunto de primeiros compromissos e crenças. Além disso, o quem somos apresenta as pessoas envolvidas com o projeto.

No Periféricos, aqueles indivíduos que estão à margem da sociedade são protagonistas sociais e rompem limites. O sentido de romper limites, não vem para fortalecer o discurso da meritocracia, mas para deixar claro que as pessoas periféricas não podem ser restritas a rótulos negativos.

Periféricos é um site independente, que acredita no jornalismo humanizado, no qual as pessoas têm não somente nomes e funções, mas também características e sentimentos, individuais e coletivos. Aqui, você encontrará histórias envolventes com uma narrativa subjetiva e diferente do jornalismo tradicional, que muitas vezes exclui pessoas que vivem uma realidade, para priorizar fontes oficiais ou especialistas que olham de fora.

Nossa história começa com a inquietação de uma estudante em relação ao tratamento que a sua comunidade recebia e recebe em veículos de comunicação locais. Eu, Tatiane Macena, sob orientação da professora Dra. Liliane Feitoza, sonhamos e tornamos realidade o Periféricos. Nascemos como projeto de conclusão do curso de jornalismo da Universidade Federal de Sergipe e pretendemos ficar. O nome do veículo é Periféricos porque não somos um, somos vários. (PERIFÉRICOS, 2024)

O JORNALISMO QUE QUEREMOS

Nessa seção, o site aprofunda a definição dos valores e crenças da produção, além de continuar com o compromisso de tornar a prática jornalística um objeto que pode ser compreendido e criticado. Por esse motivo, o texto é atravessado também por reflexões sobre a maneira como a periferia é abordada, em oposição aos compromissos estabelecidos.

Quantas vezes você se deparou com uma notícia sobre você e não se sentiu representado?

Infelizmente, isso não é incomum. Muitas vezes o jornalismo tradicional dá espaço somente a pessoas que são consideradas importantes, como representantes políticos, empresários e, algumas vezes, especialistas. Apesar de terem conhecimentos válidos, a maior parte dessas fontes não vivem as realidades sobre as quais falam. Obviamente, elas devem ser ouvidas, mas não podem ocupar o lugar de fala de quem vive as problemáticas. Como isso não ocorre, o jornalismo muitas vezes inviabiliza essas fontes e ajuda a fortalecer discursos pejorativos, que a sociedade pode adotar como verdade.

Nossa missão é contribuir com a visibilização da comunidade e com a formação crítica, por meio de um jornalismo subjetivo e hiperlocal e, assim, ampliar as diversas vozes das periferias (dando protagonismo às fontes locais). Para tanto, pautamos questões que visam estimular reflexões sociais e a percepção de realidades periféricas. Nossos conteúdos respeitam e promovem os direitos humanos, a igualdade de direitos entre todos, e principalmente: não usamos do sensacionalismo ou de estereótipos que destacam apenas a criminalidade e problemas de infraestrutura. Nosso fazer jornalismo é feito de dentro para dentro e de dentro para fora, mas sempre atravessado pelas necessidades da comunidade.

(PERIFÉRICOS, 2024)

POLÍTICAS DE TRANSPARÊNCIA

Além da transparência que guia a produção, de modo geral, e que encaminha para externalizar processos e preferências, nesta seção, o site assume a transparência como um compromisso específico.

Acreditamos em um jornalismo independente (sem interferência de empresas privadas ou grupos políticos), plural (inclusivo), humanizado e subjetivo, que preza pela defesa dos direitos humanos. Aqui as éticas jornalística e humana são levadas a sério. Não admitimos que a vontade de expor algo esteja acima da vontade e segurança das nossas fontes. Ainda que determinada fonte, no calor do momento, queira se expor, se a divulgação de informações apresentar risco para sua integridade, ela não será exposta.

Nos comprometemos com a divulgação de periferias reais, que possam ser vistas nos seus problemas e, mas também, nas suas potencialidades. O nosso público é parte integrante do periféricos, não só como fonte, mas também como autores. No nosso site há espaço para a comunidade fazer suas críticas e sugestões, bem como disponibilizamos um e-mail para que nos enviem conteúdos que podem ser publicados na aba “Vozes do Santa”. (PERIFÉRICOS, 2024)

VALORES

Nessa seção, o objetivo é dar destaque para um conjunto de valores essenciais, embora não sejam os únicos a conduzir a cobertura, como é mencionado em outros espaços, tanto do site, quanto deste memorial.

Ética jornalística, direitos humanos, pluralidade de vozes, inclusão.

FINANCIAMENTOS

A seção Financiamento é especialmente importante, não só pelo modelo de sustento do site, que será tratado com mais detalhes a seguir, mas também para dar transparência à proposta do Periféricos, que é ser um veículo que é independente de empresas públicas e privadas, dependendo do público para sobreviver.

Não recebemos verbas de governos. A nossa sobrevivência depende exclusivamente do apoio daqueles que acreditam no jornalismo independente e hiperlocal.

PLANO DE COBERTURA

A externalização de um plano de cobertura, que estabelece os assuntos priorizados no Periféricos é um aspecto muito importante para esse desenvolvimento. Não só dialoga com a transparência e com a educação midiática, mas também é essencial à necessidade de repensar o jornalismo e suas prioridades, como demarcado pelo jornalismo de subjetividade.

Os temas de preferência para a produção de conteúdo jornalístico no Periféricos foram baseados não só na vivência prévia da idealizadora do Periféricos, mas também, na consulta à comunidade por meio de um formulário, o qual foi distribuído não só digitalmente, mas também espalhado em pontos estratégicos da comunidade. De acordo com a pesquisa e a experiência editorial, os temas de Educação, cultura local,

tradição, música, preconceito, segurança pública, direitos humanos, igualdade social, políticas públicas, projetos sociais, mobilidade urbana, talentos locais, bem estar, urbanização (o plano de cobertura com relação ao temas pode se atualizar ao longa da atuação, para melhor atender aos interesses das comunidades). É importante destacar que a seleção não é uma limitação, ao passar do tempo, com o amadurecimento da linha editorial e diálogo com o público, outros temas podem ser incluídos. (PERIFÉRICOS, 2024)

PROCESSO DE PRODUÇÃO

Ainda com o intuito de produzir um jornalismo responsável e transparente, que apresenta seus compromissos para a comunidade e que transforma esses compromissos em instrumentos a serem utilizados pela própria comunidade para cobrar boas práticas, o projeto editorial esclarece o processo de produção, com uma síntese básica de cada uma das suas fases.

Nosso processo de produção é marcado por cinco passos fundamentais, para obter um produto jornalístico de qualidade, são eles:

1- Pré-pauta: Período em que as primeiras informações são colhidas em uma pesquisa prévia;

2- Pauta: Nessa etapa, é feita uma pesquisa mais profunda acerca do tema a ser abordado, em sites, documentos, outros conteúdos jornalísticos, etc;

3- Apuração: Momento de escuta e investigação. Este é um dos passos mais importantes, pois aqui são analisadas as informações levantadas anteriormente. Os fatos são checados e confrontados, para que haja a maior aproximação da verdade possível(vale destacar que não existe verdade absoluta). No jornalismo de verdade, esta etapa não é negligenciada;

4- Composição: Após uma rica apuração, os conteúdos começam a ganhar forma e narrativa. Aqui são executadas estratégias para organizar os conteúdos. Esta etapa tem a finalidade de tornar melhor a compreensão do público.

5- Edição: Na edição, o conteúdo é analisado e revisado; Distribuição, o público tem acesso ao conteúdo.

Não trabalhamos com notícias, que são basicamente, a narrativa breve de fatos selecionados a partir dos critérios de noticiabilidade de cada veículo. Trabalhamos com formatos jornalísticos mais aprofundados como reportagens, documentários, entrevistas, perfis, e outros. (PERIFÉRICOS, 2024)

6.3. IDENTIDADE VISUAL

A identidade visual do Periféricos foi cuidadosamente elaborada para representar fielmente o bairro. Para isso, realizamos uma pesquisa visual em veículos independentes como Nós Mulheres da Periferia, Agência Mural, As Mina, Voz das Comunidades, e Agência Pública. Essas instituições influenciaram não só na construção da logomarca, mas também na identidade do *Periféricos*. Ou seja, no tipo de jornalismo que pretendemos apresentar à sociedade. A logomarca foi criada utilizando a fonte Anton, conhecida por sua densidade tipográfica, que transmite força, juntamente com o mapa do Santa Maria em vermelho. A cor da logomarca pode variar para branco, dependendo do fundo em que é aplicada.

Figura 5 - variações da logomarca do Periféricos



Fonte: A autora

A paleta de cores do Periféricos foi cuidadosamente selecionada com base em estudos sobre a psicologia das cores, utilizando referências dos livros "Elementos do Design: Guia de Estilo Gráfico" e "Psicodinâmica das Cores em Comunicação". Desde o princípio, buscamos uma seleção que refletisse a força, coragem, identidade e diversidade da periferia. Assim, escolhemos o vermelho como cor central, o preto e o branco para criar contraste, e o laranja e o azul como cores complementares para enriquecer a paleta e transmitir a mensagem desejada.

O vermelho, por ser uma cor chamativa, evoca sentimentos de sobrevivência, paixão e excitação. Ao ser a cor principal do Periféricos, ela transmite a ideia de força e resistência. Já o preto e o branco, apesar de comumente associados ao luto e à paz, podem demonstrar força quando combinados com uma cor central, equilibrando e destacando o vermelho.

O laranja e o azul foram adicionados à paleta com o propósito de colorir os conteúdos do Periféricos e contribuir para a criação de uma imagem de veículo forte e confiável. O laranja complementa o vermelho, adicionando vitalidade e dinamismo, enquanto o azul, uma cor amplamente utilizada na comunicação, é associado a algo sólido e confiável, algo essencial no jornalismo. Essa combinação de cores resulta em uma identidade visual equilibrada que reflete a força e criatividade da periferia

A tipografia do Periféricos é composta por três fontes: Anton, Helvetica e Oswald. Utilizamos a fonte Anton para os títulos, a Helvética para o corpo dos textos e legendas, e a variação extra light da Oswald para os botões do site. Essa escolha foi feita com base na legibilidade, um aspecto essencial em textos jornalísticos. A fonte Anton é usada nos títulos para destacar a mensagem das reportagens, pois sua tipografia densa e impactante chama a atenção do leitor. Já a Helvética, por ser uma fonte sem serifa, oferece visibilidade e facilita a compreensão do conteúdo no corpo do texto. Ambas as fontes são neutras e sua combinação transmite uma sensação de equilíbrio. Vale ressaltar que a Helvetica é uma das tipografias mais amplamente utilizadas devido à sua familiaridade para os leitores.

A Oswald foi escolhida para os botões devido à sua modernidade e delicadeza, contribuindo para uma experiência de navegação agradável. Essa combinação de fontes oferece um equilíbrio estético e funcional. Na logomarca, optamos pela fonte Anton por sua legibilidade e capacidade de transmitir força. As impressões digitais acompanhadas do mapa do bairro Santa Maria, em vermelho, reforçam a identidade forte da comunidade local. Dependendo do contexto e do

produto, podemos fazer variações na cor e na tipografia para garantir a melhor legibilidade e adaptação visual.

No cabeçalho e no rodapé do site, são predominantes as cores vermelho, preto e branco. O cabeçalho apresenta um menu em formato de janela, a logomarca com o link da página principal, a barra de redes sociais, o botão de pesquisa e um menu horizontal (este último visível apenas na versão para desktop). Esses elementos contribuem para a navegação intuitiva e facilitam o acesso às diferentes seções do site.

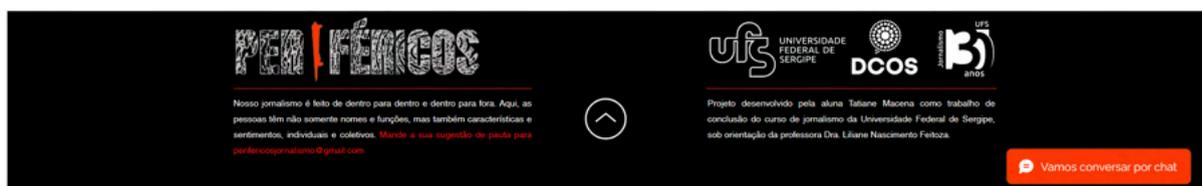
Figura 6 - Cabeçalho



Fonte: www.perifericosjornalismo.com

Já no rodapé encontramos a logomarca, um e-mail para contato, o botão de topo e alguns itens institucionais.

figura 7 - rodapé



fonte: www.perifericosjornalismo.com

Na janela é possível encontrar os mesmos itens do menu horizontal, barra de redes sociais, botão de pesquisa e outros itens como o projeto editorial e direitos autorais.

Figura 8 - Janela do site periféricos

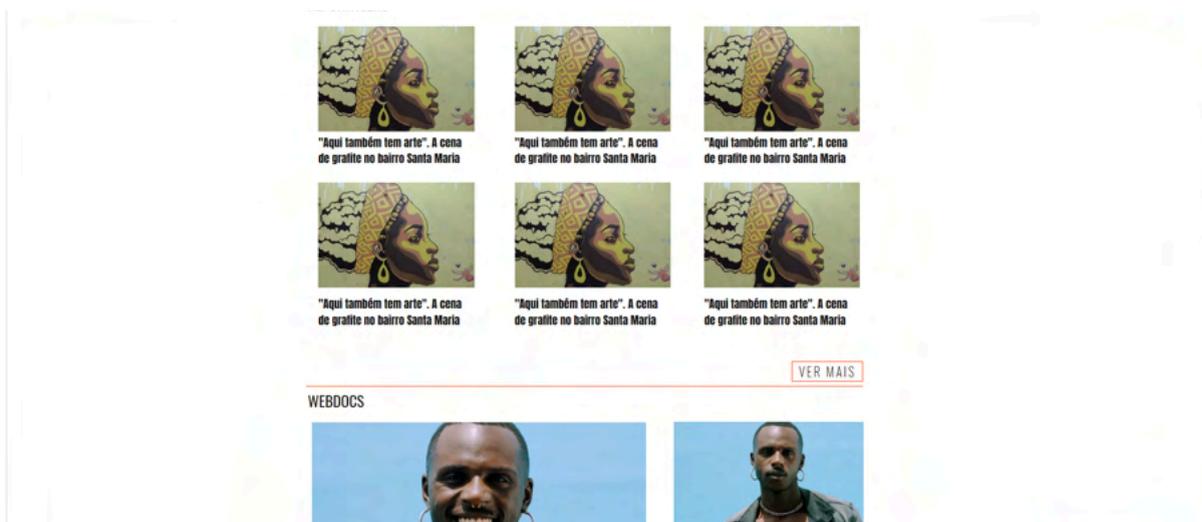


fonte: www.perifericosjornalismo.com

Na home, temos o destaque em movimento com as três últimas publicações de cada conteúdo, seguida por seções de cada formato trabalhado no Periféricos: reportagens, vídeos, entrevistas, protagonistas e vozes do santa (separados por uma linha na cor vermelha).

Figura 9 - homepage do site Periféricos

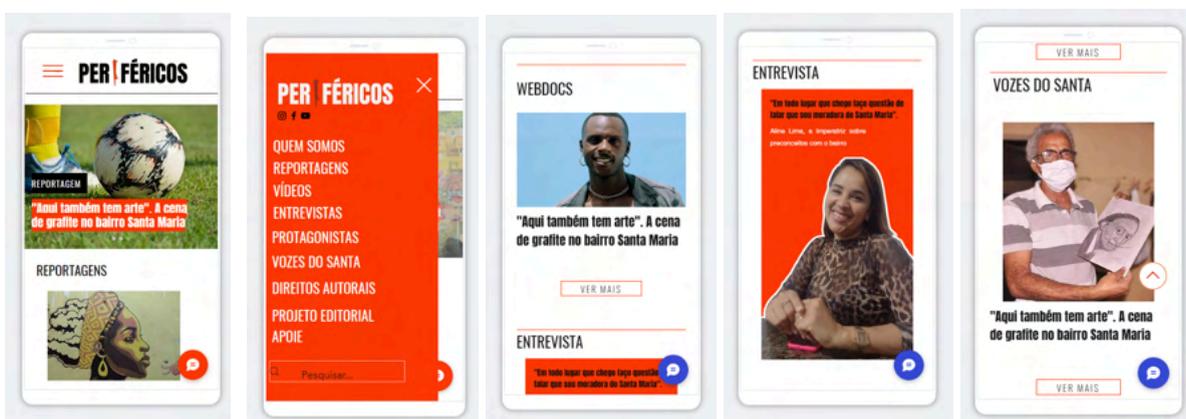




fonte: www.perifericosjornalismo.com

Na versão móvel do site, foram feitas algumas adaptações para garantir uma melhor experiência de navegação. O menu horizontal foi ocultado e a quantidade de conteúdo exibido na página inicial foi reduzida. Por exemplo, enquanto na versão desktop são exibidas seis reportagens na página inicial, na versão móvel apenas três são destacadas. No menu em formato de janela, todo o conteúdo está disponível, além do botão de redes sociais e da aba de pesquisa, o que compensa a ausência do menu horizontal sem prejudicar a acessibilidade para o público. Essas adaptações visam garantir uma navegação mais fluida e intuitiva em dispositivos móveis.

Figura 10- Adaptações feitas para a versão mobile do site



fonte: www.perifericosjornalismo.com

5. VIABILIDADE DO PROJETO

Para que a consolidação do Periféricos não fosse apenas um sonho, foram realizadas algumas formações visando a melhoria do Periféricos enquanto um veículo independente. Uma delas foi organizada pelo Colabora e outra pela Agência Mural em parceria com a Transmídia.

Figura 11 - Curso #Colabora com Inclusão e Diversidade, aula 6



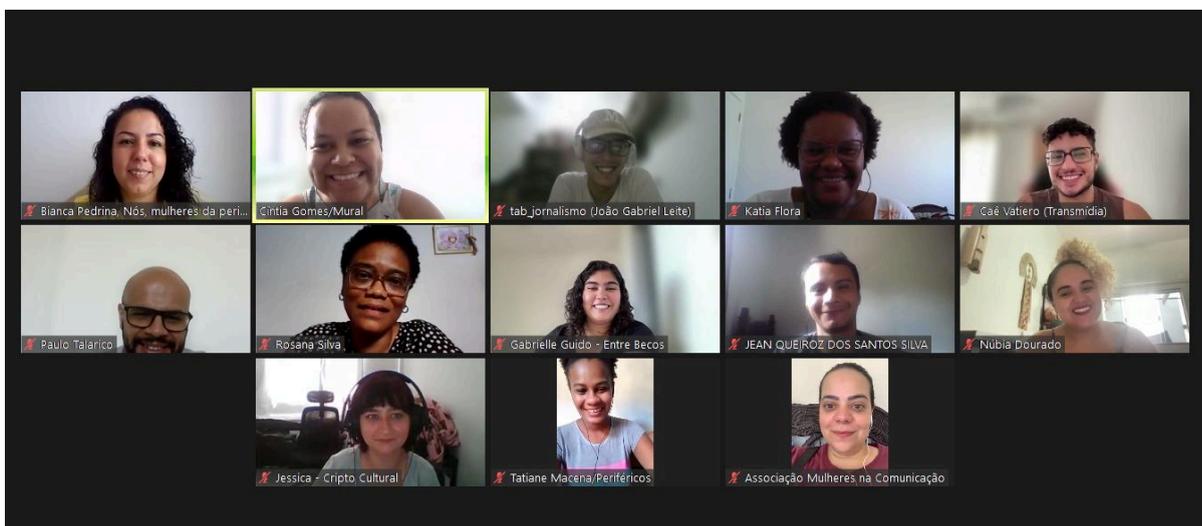
Fonte: <https://projetcocolabora.com.br/>

A formação do #Colabora teve como objetivo ampliar o acesso de jovens jornalistas periféricos ao mercado de trabalho. Durante o período de 9/10/2023 a 27/11/2023, os participantes tiveram a oportunidade de comparecer a encontros às segundas-feiras, sob a supervisão da professora doutora Fabiana Moraes, onde dialogamos com nomes promissores do jornalismo independente sobre o universo jornalístico e suas exclusões. Foram oito encontros nos quais debatemos temas como jornalismo de subjetividade, entrevista, arte e jornalismo, jornalismo de dados, jornalismo antirracista, entre outros assuntos.

Já a formação da Agência Mural foi realizada em parceria com a Transmídia e teve foco na captação de recursos. Durante cinco sábados pela manhã, tivemos a oportunidade de aprender com os fundadores de veículos independentes sobre sustentabilidade econômica. Em cada encontro, um veículo independente foi convidado para compartilhar experiências e mostrar como organizações independentes podem obter recursos financeiros. Além de fornecer conhecimento

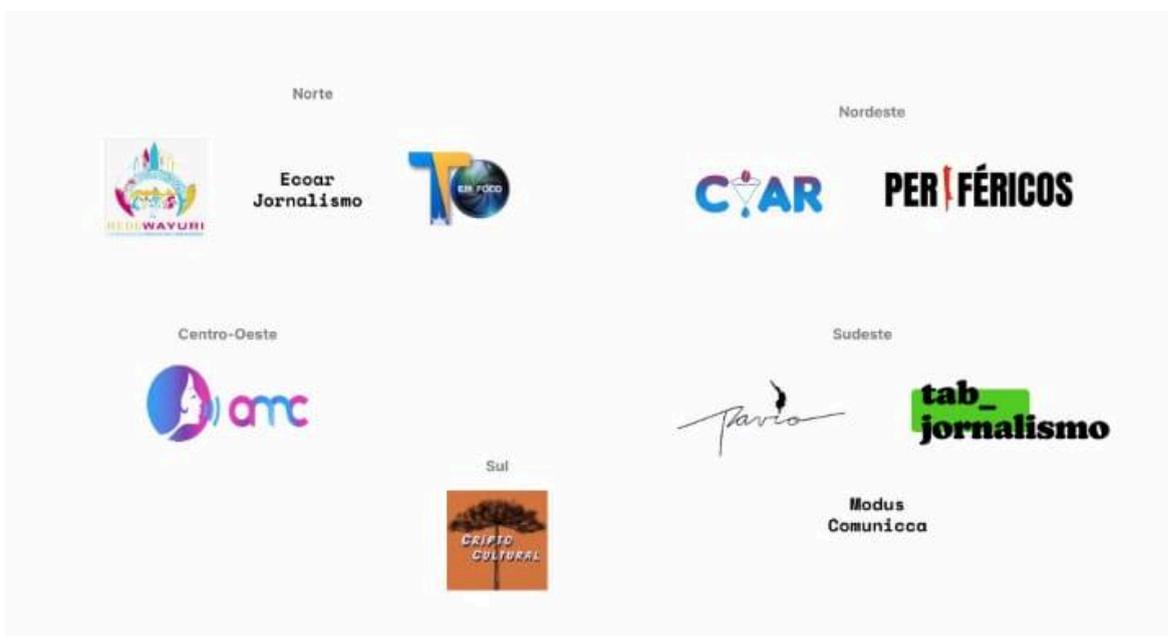
prático sobre captação de recursos, essa formação também serviu como uma ponte para conectar o Periféricos com outras organizações do país.

Figura 12 - Em um dos encontros pude dialogar com as jornalistas do Entrebecos, organização periférica de Salvador e com a jornalista Bianca Pedrina do Nós Mulheres da Periferia



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 13 - Organizações participantes da formação por região

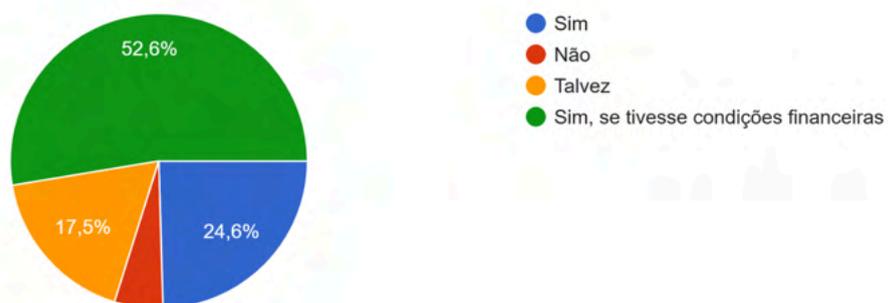


Fonte: Arquivo

A formação "Do Jornalismo Local ao Negócio" proporcionou *insights* sobre estratégias de sustentabilidade para tornar o jornalismo independente viável. Conscientes de que a captação de recursos por meio de doações de apoiadores pode ser limitada, levando em consideração a renda per capita da população, de acordo com o levantamento estamos atentos a projetos voltados para veículos independentes como forma de garantir a viabilidade financeira do Periféricos.

Gráfico 8 - Gráfico sobre apoio aos Periféricos

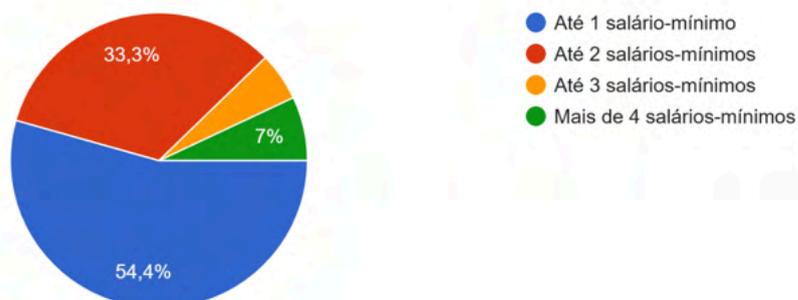
Você apoiaria financeiramente um veículo de comunicação do Santa Maria?
57 respostas



Fonte: A autora

Gráfico 9 - Gráfico sobre renda familiar.

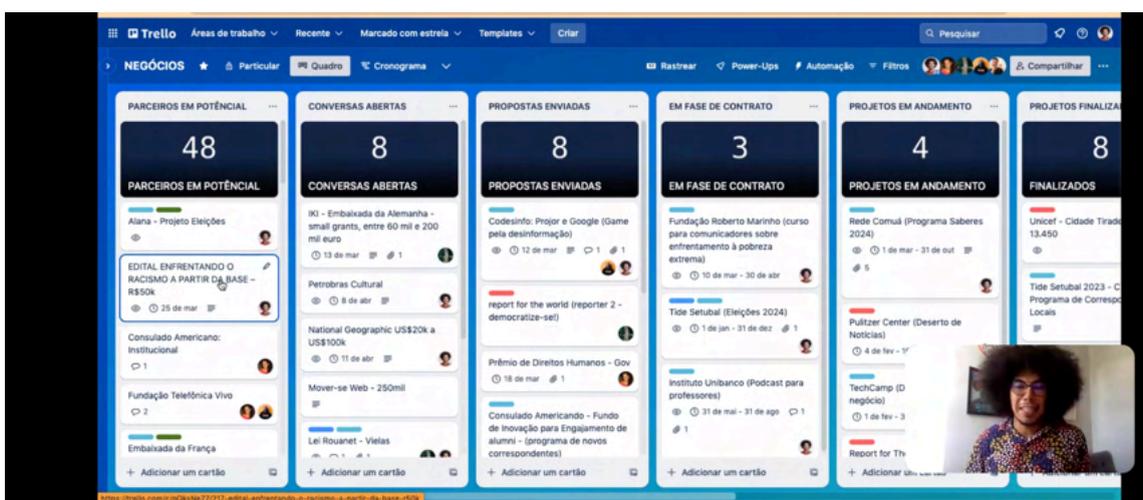
Qual a sua renda familiar?
57 respostas



Fonte: A autora

Na formação, aprendi um pouco mais como desenvolver um pitch(breve apresentação para atrair investidores), que de acordo com os palestrantes a depender do projeto que estamos tentando ser aceitos, é solicitado. Também aprendi um pouco sobre a importância de um projeto editorial para fins de transparência, bem como técnicas de organizar planilhas e projetos em andamento.

Figura 14 - Anderson Menezes, diretor de tecnologia e negócios da Agência Mural, mostra como utilizar o trello para organizar projetos.



Fonte: Arquivo

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cobertura midiática oferecida a um bairro periférico como o Santa Maria, não se compromete com a realidade local, com seus moradores e suas necessidades. Em sentido oposto, a cobertura dos veículos de referência tendem a reproduzir estereótipos, adotar um tom sensacionalista e ter preferência por assuntos negativos.

Diante dessa realidade e da compreensão de que um enquadramento enviesado, como esse, tende a trazer problemas para os moradores do bairro, ficou e evidente a necessidade de um veículo periférico, identificado a partir de vínculos de pertencimento ao território (AGUIAR, 2016) feito de dentro da comunidade para a comunidade e também para fora dela. O produto é feito de dentro para dentro, pois deseja ser um espaço para que a comunidade se veja e discuta seus temas de interesse e de dentro para fora, pois o site pretende contribuir para alterar a imagem estereotipada sobre o bairro, atuando não só, mas também como um divulgador de potencialidades.

O Periféricos emerge da força das pessoas do bairro Santa Maria, que assim como eu, estão cansadas de ver as suas imagens estigmatizadas pela imprensa sergipana. Nosso compromisso maior é com a integridade física e moral das nossas fontes. Jamais vamos usar do sensacionalismo e explorar a dor ou miséria humana em busca de audiência. No Periféricos, ao invés de invisibilizar sujeitos, faremos deles protagonistas e assim, com a ajuda das nossas fontes conseguiremos demonstrar um pouco da força não só do bairro Santa Maria, mas da periferia aracajuana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Sonia. **Territórios do Jornalismo: Geografias da mídia local e regional no Brasil**. Petropolis: Editora Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

AGÊNCIA MURAL. **Agencia Mural, 2024**: disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/>

AGÊNCIA PÚBLICA. **Agencia Publica, 2024**: disponível em: <https://apublica.org/>

ARACAJU, Câmara Municipal: **LEI 5.022**, abril de 2018.

FEITOZA, Liliane do Nascimento Santos. **Por um tratado da relevância jornalística**. 2021. 308f. Tese (Doutorado em comunicação) – **Universidade Federal de Pernambuco**. Recife, 2021

FEITOZA, Liliane do Nascimento Santos. **Valores-notícia e Critérios de Noticiabilidade: Uma Proposta de Separação Prática dos Termos**. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal - RN, 2015.

FERREIRA, Aurélio. **MiniAurélio século XXI escolar: o minidicionário de língua portuguesa**. Rio de Janeiro, 2001

FIGARO Roseli; BARROS Janaina Visibeli; KINOSHITA Jamir. **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. SBPJor: Goiânia, 2019

GUERRA, Josenildo. **NEUTRALIDADE E IMPARCIALIDADE NO JORNALISMO: Da Teoria do Conhecimento à Teoria Ética**. Intercom: Rio de Janeiro, 1999.

GUERRA, Josenildo; FEITOZA, Liliane. **Relevância jornalística: conceito, fundamentos e aplicação**. *Linguagem em (Dis)curso* – LemD, Tubarão, SC, v. 20, n. 2, p. 401-419, maio/ago. 2020.

GÓES, José Cristian. **Jornalismo e sensacionalismo: Enquadramento, criminalização da pobreza e implicações éticas no Jornal Cinform**. São Cristóvão-SE, 2014.

IBGE. **Sobre a mudança de aglomerados subnormais para favelas e comunidades urbanas**. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102062>

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. Intercom: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 39, p. 39-56, 2016.

MODESTO, Farina; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das Cores em Comunicação**. Editora: Blucher, Brasil, 2011.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate: Subjetividade, pratica reflexiva e posicionamento para superar o jornalismo que desumaniza**. Editora Arquipelago, Porto Alegre-RS, 2022.

MORAES, Fabiana. **Subjetividade: Ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral**. Extraprensa: São Paulo, 2019.

NÓS MULHERES DA PERIFERIA. **Nós, mulheres da periferia**: disponível em https://nosmulheresdaperiferia.com.br/?fbclid=IwAR1FZBtXgaBwZYN3oDYkXYI1J7Y9F3g-36qohF_wThD7wX9KEKhJXiGPp2I

NÓS MULHERES DA PERIFERIA. **Nós, mulheres da periferia: Manifesto, 2021**. Disponível em <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/manifesto/>, acessado em 03 de maio de 2024.

PERIFÉRICOS. **Periféricos: projeto editorial, 2024**. Disponível em <https://www.perifericosjornalismo.com/projeto-editorial>, acessado em 01 de abril de 2024.

SAMARA, Timothy. **Elementos do Design: Guia de Estilo Gráfico**; Tradução Edson Furmankiewicz. Porto Alegre: Bookman, 2010.

SANTOS, Milton. **O Território e o Saber Local: algumas categorias de análise**. Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro, 1999.

SANTOS, Tatiane Macena & FEITOZA, Liliane Nascimento. **Jornalismo e periferia: a cobertura jornalística do bairro Santa Maria em Aracaju**. Belo Horizonte-MG, 2023.

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade – estudos em jornalismo e mídia** In.: Programa de Pós-graduação em Jornalismo e Mídia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, Rhafic Concolato da. **Produção do Espaço Urbano: Reflexão Teórica Sobre o Bairro Periférico e Popular**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 06, Ed. 04, Vol. 15, pp. 89-99. Abril de 2021

VIEIRA, E. **Políticas urbanas e imagens da cidade: Da Terra Dura ao bairro Santa Maria em Aracaju-SE**. São Cristóvão-SE, 2011

VOZ DAS COMUNIDADES. **Voz das Comunidades, Rio de Janeiro, 2024**: disponível em <https://www.vozdascomunidades.com.br/>

ROVIDA, Mara. **As periferias pelos periféricos – em busca de uma outra narrativa**. SBPJor, São Paulo, 2018

APÊNDICE

Banco de Pautas

Para além de todo conteúdo que foi feito, temos algumas pautas a desenvolver. Vale salientar que esse projeto está em construção e, por isso pode (e deve) sofrer alterações com o passar do tempo. Nesse banco de pautas serão mencionados ou explicados rapidamente, apenas para registro e para esclarecer o potencial da cobertura que o Periféricos pretende continuar realizando.

PROTAGONISTAS (PERFIS)

Thainá Lima: Jogadora de futebol e de futsal.

Valdir Januário: Artista

WEBDOC

Não me rotule: A ideia é criar uma produção audiovisual com perfis diversos de pessoas do Santa Maria, e assim, demonstrar que o bairro não é feito somente de problemas sociais, mas de diversidade cultural e de pessoas de faixas etárias e personalidades diferentes com o sonho comum de não serem vistas como “marginais”(como dizem por aí).

Canal do Santa Maria: Uma série documental com três episódios sobre a história do antigo canal do Santa Maria. Ratificado em 1932, com a finalidade de fomentar a economia sergipana, atualmente parte do canal está assoreado, enquanto outras estão secas ou contém lama.

episódio 1 - Memórias de um canal que já foi rio: lembranças de moradores.

episódio 2 - Da navegabilidade a canalização: mudança de função.

episódio 3 - contexto atual

Produtos derivados da mangaba: Um documentário sobre as diversas possibilidades do fruto símbolo do estado de Sergipe. A ideia é abordar um pouco do processo de produção. Desde a colheita, até a venda.

REPORTAGENS

A biblioteca comunitária do Santa Maria: Através da pedagogia social, o pedagogo Valtenison Januário pretende resgatar o desejo de sonhar e dar perspectiva de vida e visão de futuro para as crianças e jovens, através de uma biblioteca comunitária.

O cenário de Grafite na comunidade do Santa Maria: Nas proximidades do colégio Vitória de Santa Maria há vários painéis de grafite feitos nas edições anteriores do Agora é à Vera. O idealizador do projeto, Dalvan Dext pretende transformar o bairro Santa Maria em uma galeria a céu aberto.

Batalha do Santa: Idealizada pelo rapper NG Lampião da Rima, a batalha de rima acontece no bairro Santa Maria e visa incentivar a prática no bairro, além de descobrir novos talentos.

Falta de sinalização: Na falta de sinalização, a comunidade por contra própria, procura meios de deixar o trânsito na região mais seguro

Expansão comercial: Com o passar dos anos, o bairro Santa se desenvolveu economicamente, e a população foi deixando de se deslocar para conseguir acesso a estabelecimentos, antes presentes somente na região central de Aracaju.

Direitos sociais: A ideia é fazer uma série de reportagens para apresentar à população os direitos sociais presentes no artigo 6 da constituição brasileira de 1988.

ENTREVISTA

Jhully Souza: Produtora de eventos, dança, coletivo

Rikinho: Cantor de arrocha